

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Andressa Melo Jacques

ETNOASTRONOMIA KAINGANG

**Bagé
2019**

Andressa Melo Jacques

ETNOASTRONOMIA KAINGANG

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de licenciatura em
Física da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Física.

Orientador: Guilherme Frederico
Marranghello

Coorientador: Cecília Petinga Irala

Bagé

2019

Andressa Melo Jacques

ETNOASTRONOMIA KAINGANG

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Física da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Física.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: dia, mês e ano.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Guilherme Frederico Marranghello

Orientador

UNIPAMPA

Prof. Dr. Rafael Kobata Kimura

UNIPAMPA

Prof. (titulação). (Nome do membro da banca)

UNIPAMPA

Dedico este trabalho primeiramente a minha mãe, minha família e aos meus amigos que me acompanharam nessa trajetória.

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. Guilherme Frederico Marranghello

A Prof. Me. Cecília Petinga Irala

A todos os colegas de curso que moram comigo.

“A Bíblia ensina-nos como se vai para o céu, não como vai o céu”.

Galileu Galilei

RESUMO

O presente trabalho vai entender como os Kaingangs olharam para o céu, e a partir da observação criaram mitos e costumes para representar o que estavam presenciando, mostrando o quanto o que eles contemplaram no céu está ligado com a sua cultura. Estaremos aqui na área da astronomia que trabalha com astronomia cultural, a etnoastronomia. Temos objetivo de organizar uma sessão para o Planetário da Universidade Federal do Pampa, esta terá o tema de etnoastronomia Kaingang, selecionamos mitos que estejam ligados as coisas que ocorrem no céu, para a construção dela foi pesquisado sobre o assunto, de maneira a criar uma estrutura mental para que fosse possível olhar para a cultura Kaingang e observar quais mitos nos trazem a astronomia, tendo em vista que não foi encontrado trabalhos nesta área, nem registro de constelações. Procuraremos encontrar as constelações que contemplam o céu Kaingang no segundo semestre de 2019 a partir de uma conversa com os índios.

Palavras-Chave: Kaingangs, etnoastronomia, Planetário

ABSTRACT

The present work will understand how the Kaingangs looked to the sky, and from observation they created myths and customs to represent what they were witnessing, showing how much what they have fulfilled in the sky is connected with their culture. We will be here in the area of astronomy that works with cultural astronomy, ethnoastronomy. We aim to organize a session for the Planetarium of the Federal University of Pampa, this will have the theme of Kaingang ethnoastronomy, we select myths that are linked to the things that occur in the sky, for the construction of it was researched on the subject, in order to create a mental structure so that it was possible to look at the Kaingang culture and observe which myths bring us to astronomy, considering that no works in this area, nor a record of constellations were found. We will try to find the constellations that contemplate the Kaingang sky in the second half of 2019 from a conversation with the Indians.

Keywords: Ethnoastronomy. Kaingang. Planetarium.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Stonehenge.....	17
Figura 2 - O Dolmen pedra do Santana	18
Figura 3 - Constelação de Órion	20
Figura 4 - Homem Velho	21

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos e Livros estudados.....	23
Quadro 2 - Cronograma de atividades realizadas e futuras	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 Tema de pesquisa	16
2.2 Etnoastronomia	16
2.3 Os Kaing-Gangs	20
2.5 Artigos relevantes	25
3 METODOLOGIA	27
3.1 Organização dos objetivos	27
3.2 Seleção dos mitos	27
3.3 Organização da sessão.....	29
4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	30
4.1 A importância do estudo de etnoastronomia no Brasil	30
4.2 Sessão de entoastronomia.....	31
5 CRONOGRAMA	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICES	37

1 INTRODUÇÃO

Desde o começo dos tempos o homem olhou para o céu. O tempo certo para migrar, quando plantar ou colher algum alimento, quais as estações viram, tudo isso era muito importante quando um equívoco e poderia resultar a falta de alimentos ou enfrentar o frio sem estar preparados.

O céu sempre foi muito presente na cultura dos povos, olhando para ele deram significados aos fenômenos observados, seja da chegada de uma estação até mesmo as fases da Lua, montando assim um conhecimento do céu ligado as coisas do seu cotidiano. Usar a forma de mitos para dar significado a esses fenômenos observados é uma maneira de conseguir ligar o que se observa no céu com a cultura de seu povo.

A disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Federal do Pampa, nos dá a possibilidade de pensarmos sobre um tema de pesquisa. Para um futuro professor é muito importante ter a oportunidade de trabalhar produzindo um projeto de pesquisa, afinal, é preciso que tenhamos um olhar científico do mundo, de maneira a criarmos um senso crítico sobre as coisas que nos rodeiam.

O presente trabalho pretende estudar a maneira de que os Kaingang observam o céu, entendendo como os mitos contados por eles tem relação com os fenômenos observados.

Vivemos um momento complicado nas escolas, proporcionar conhecimentos, os quais ajudem a desenvolver o senso crítico é uma premissa de ser professor. Usaremos aqui um instrumento para isso, o uso da etnoastronomia para fins do aprendizado. Segundo as orientações curriculares da (PCN+, 2006) do ensino médio, trabalhar a compreensão do homem sobre o universo é tão importante quanto estudar temas como, terra, planetas e universo. Segundo o PCN+ (2006, p. 90):

“O currículo do ensino médio deve buscar a integração dos conhecimentos, especialmente pelo trabalho interdisciplinar. Neste, fazem-se necessários a cooperação e o compartilhamento de tarefas, atitudes ainda pouco presentes nos trabalhos escolares. O desenvolvimento dessas atitudes pode ser um desafio para os educadores, mas, como resultado, vai propiciar aos alunos o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e integrar os saberes.”(PCN+, 2006, p. 90)

Foi constatado na pesquisa deste trabalho a falta de constelações na cultura kaingang, assim, no decorrer do segundo semestre de 2019 será procurado meios de possibilitar a pesquisa quanto a esse assunto.

No decorrer do presente ano será montado também uma sessão para o Planetário da Universidade Federal do Pampa, esta terá um conteúdo baseado nos mitos presente na cultura Kaingang, tendo em vista que a mitologia causa a curiosidade usaremos o mito para reforçar o que foi aprendido, com um olhar mais visado para os quais mitos estejam relacionados a astronomia.

Nas próximas sessões entenderemos como se deu o projeto aqui apresentado, descreveremos os trabalhos estudados para que se pudesse montar a estrutura mental necessária para criar uma metodologia e aplicarmos as ideias aqui apresentadas. Tendo então, criado o projeto no primeiro semestre de 2019, será trabalhado no segundo semestre para que seja aplicado as ideias deste projeto, assim, na segunda parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), espera-se estar discutindo uma conclusão satisfatória.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

É de suma importância para uma pesquisa científica procurar fontes as quais darão um norte ao trabalho a ser apresentado, é necessário organizar uma estrutura mental para analisar criticamente qualquer assunto. Desta maneira o tópico a seguir irá trabalhar a revisão da literatura e pesquisa feita para que o presente trabalho fosse realizado.

2.1 Tema de pesquisa

Os primeiros a olharem para o céu do Brasil, foram os povos indígenas. Olharam para o céu, tanto por fascínio pelo mistério e beleza da esfera celeste, quanto pela orientação, visto que não havia outra maneira de se localizar no espaço, criar calendários ou até mesmo a contagem do tempo, se não fosse pelos eventos que aconteciam sobre suas cabeças. Eles construíram significados aos fenômenos observados, criaram-se mitos os quais estão ligados a astronomia, estes fazem parte da cultura desses povos.

O índio ou até mesmo pessoas mais velhas, que criaram a sua maneira de ver o céu a partir de suas experiências ao passar dos anos ou com falas de seus antepassados, construíram um conhecimento tão rico, os quais não se encontram nos livros, mas nem mesmo a comunidade científica é capaz de suprir.

No presente trabalho daremos um olhar cuidadoso para esses conhecimentos orais, que se construíram através dos anos de observação. Na astronomia há uma área a qual se encarrega de entender melhor como se dá o conhecimento dos céus por outras culturas. ” A etnoastronomia investiga o conhecimento astronômico de povos tradicionais atuais, ou seja, “grupos étnicos ou culturais contemporâneos” (AFONSO, 2010).

Trabalharemos aqui com a etnoastronomia dos povos Kaingang, é de grande importância entender como essa área se organiza, de maneira que discutiremos no próximo tópico.

2.2 Etnoastronomia

A etnoastronomia no Brasil embora seja muito rica é um campo pouco desbravado, a pouco tempo por exemplo descobrimos a existência de megalíticos dos povos indígenas brasileiros. Segundo o professor Germano Bruno Afonso há “pouca pesquisa na área da etnoastronomia, principalmente em relação ao número de etnias existentes. [Por isso, muito] conhecimento já foi perdido” (AFONSO *apud* DAVID,

2011). Temos pouca pesquisa nessa área é uma perda inimaginável para nossa cultura pois se esses conhecimentos não forem registrados se perderam para sempre.

Quando pensando na palavra megalíticos, logo pensamos no Stonehenge, esta que é uma estrutura pedras de cinco metros de altura e mais de cinquenta toneladas que se encontra nas proximidades de Salisbury, Inglaterra. O primeiro a perceber sua ligação com a astronomia foi William Stukeley, em 1770, ele percebeu que o nascer do sol no solstício de verão era exatamente no eixo principal do monumento.

Figura 1- Stonehenge

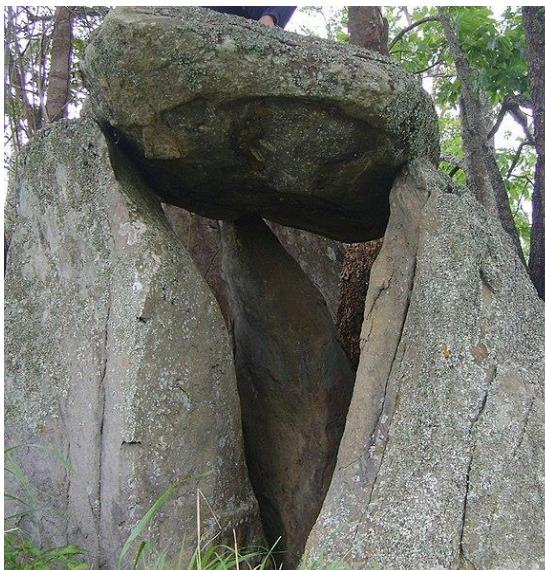


Fonte: Wikipédia

A Visto que a data do começo de sua criação é de 3100 a.C e é algo que perdura até hoje, nos leva a crer que esses instrumentos astronômicos são estruturas duradouras. Porém, a maneira de construir para a posterioridade depende de como cada cultura se organiza.

Os megalíticos dos povos brasileiros eram criados com materiais perecíveis, como por exemplos ocas de madeira e palha, ou até mesmo com pequenas rochas, embora temos conhecimento, agora, que estes eram muito presentes na cultura das tribos que habitavam nosso país, demoramos para os encontrá-los. Existem poucas estruturas grandes de pedras, uma delas se encontra em Santana na Bahia, aonde um agrupamento de rochas, chamado Dólmen, do formato de uma mesa, usadas por vezes como fornos, casas fúnebres ou como instrumentos de observação do céu. O Dólmen pedra do Santana, primeiro reconhecido no país.

Figura 2 - O Dolmen pedra do Santana



Fonte: Wikipédia

A falta de conhecimento de mais estruturas como essa se dá por serem estruturas que não perduram por muito tempo, de maneira que os pesquisadores não conseguiram os encontrar, mas isso se dá pela organização social das tribos brasileiras.

Muitas culturas brasileiras tinham ocas orientadas no eixo leste-oeste, com portas em cada um destes pontos cardiais, os homens entram, por exemplo na porta voltada para o leste e as mulheres para a porta com a face para o oeste. Ainda podemos lembrar que muitos povos brasileiros usavam relógios solares, estes que muitas vezes eram apenas um graveto cravado no chão, ou um pequeno agrupamento de rochas. Percebe-se com esses dois exemplos que a estrutura não duraria tanto tempo quanto o já citado Stonehenge.

É importante salientar que muitos arqueólogos brasileiros demonstram certa resistência em aceitar que os monumentos **megalíticos** ou a arte rupestre possam ter alguma relação com a astronomia e, talvez por isso, as pesquisas de arqueoastronomia no Brasil sejam tão escassas. No entanto, as pesquisas realizadas no exterior, nessa área, são publicadas nas mais conceituadas revistas do mundo (MATSUURA, 2013)

Quando procurado por megalíticos da cultura Kaingang não foi encontrado, isto não significa que não existiam, poderiam ser estruturas usadas para reconhecer o nascimento do sol em cada estação, feitas de madeira, que não perdurariam até os presentes dias, o que é extremamente comum no contexto da etnoastronomia brasileira.

Uma maneira de contornar a falta de materiais que nos mostrem como os Kaingangs olhavam para o céu, foi ter um olhar mais cuidadoso para os mitos destas tribos, quando pensamos nesses mitos temos de ter em mente que eles se

criaram através da observação e são extremamente ligados ao cunho social de cada povo.

“A etnoastronomia, que se ocupa do registro e análise das tradições astronômicas de sociedades tribais existentes, não conta com a vantagem habitual da arqueoastronomia. No lugar de pirâmides, praças cerimoniais e outros tipos de construções, e em lugar de registros escritos, o etnoastronomia não conta com mais do que tradições orais, cujo registro é fragmentário e muitas vezes deficiente. Grande parte do conhecimento astronômico nativo se encontra encapsulado em narrativas (mitos) e sua decifração pode ser bastante complicada.”(Magana, 1988: 448)

Tomamos como exemplo a separação social dos Kaingangs, estes são divididos em duas partes, Kamé e Kajrukré. Kamé é ligado ao oeste, ao sol, ao quente, seco e forte. Kajrukré, ligado ao leste, a lua ao frio, úmido e fraco. Aqui percebemos o quanto o que acontece nos céus é diretamente ligado ao cotidiano deste povo, tanto que a base da sua organização social está extremamente ligada ao o que eles observaram nos céus.

“Os conhecimentos tradicionais sobre as “coisas do céu” e suas relações com as “coisas da terra” são significativos em si, são importantes enquanto aportes histórico-culturais e ainda estão presentes na tradição oral –embora de modo cada vez mais apagado. É um rico conhecimento ambiental e outra visão de mundo questão em vias de desaparecerem.” (JAFELICE, 2012, p. 102)

Estes mitos foram passados de geração para geração, muitas vezes sem material escrito, apenas de forma oral, mostrando assim a importância do conhecimento das pessoas mais velhas. “Esses conhecimentos foram passados de geração para geração de forma oral, por meio de atividades cotidianas, dos mitos e das tradições” (JALLES et al, 2013).

No caso da etnoastronomia é de muita relevância que sejam realizados estudos nessa área, pois como toda cultura oral, sofre com a constante ameaça de desaparecimento, prevalecendo assim o conhecimento científico o que é um perda muito grande para a diversidade cultural brasileira.

“Conhecimentos tradicionais [...], ainda existentes na tradição oral, têm [...] importância histórico cultural – em particular na caracterização da memória local e regional –, porém estão em franca extinção.” (Jafelice 2012, p. 102)

A etnoastronomia se apresenta vital na busca da conservação da cultura astronômica destes povos, é um resgate da própria cultura e a valorização dos conhecimentos de uma comunidade tão rica e tão importante para todo cidadão, pois

ao olharmos para o céu, embora tenhamos um olhar diferente do que o do passado, devido a nossa construção social, estamos olhando para as mesmas estrelas.

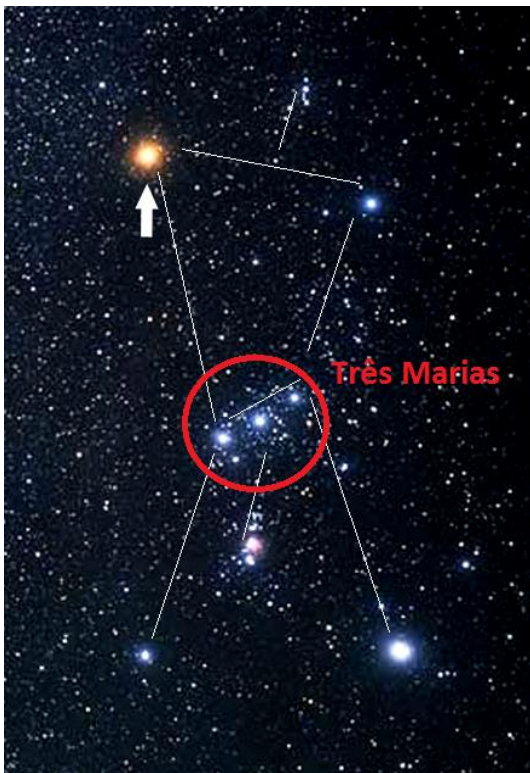
2.3 Os Kaing-Gangs

Um brasileiro que olha para o céu por exemplo e reconhece nele constelações como por exemplo Órion, mas não se dá conta, ou não tem o conhecimento, que no mesmo local do céu também há a constelação do Homem velho, conhecida pelos Tupy-Guaranis, acaba imerso em uma espécie de monocultura astronômica. Isto acaba excluindo o local, e essas culturas tão importantes acabam se apagando com o tempo.

“[...] o saber científico dominante cria uma monocultura mental ao fazer desaparecer o espaço das alternativas locais, de forma muito semelhante à das monoculturas de variedades de plantas importadas, que leva à substituição e destruição da diversidade local” (SHIVA, 2003, p. 25)

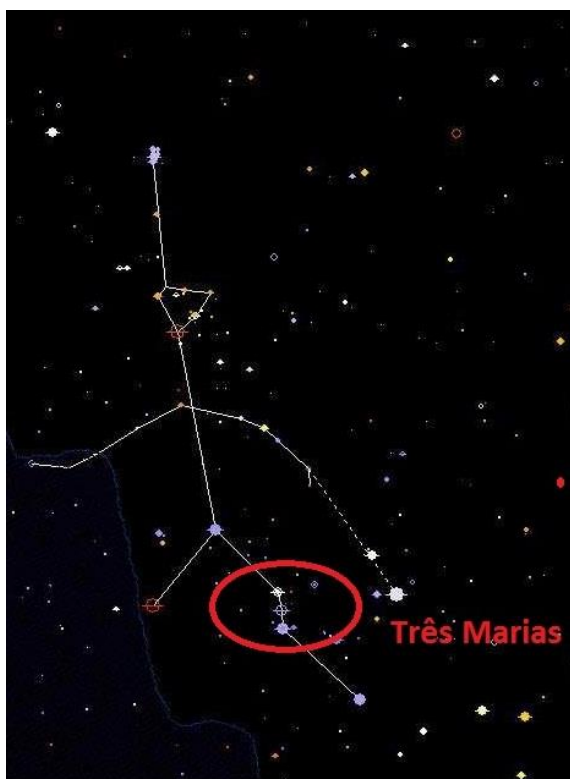
Abaixo podemos comparar, a partir das imagens das duas constelações, Órion e Homem Velho, assim vendo que as duas ocupam a mesma localização no céu, foi apontado para a localização as estrelas conhecidas como às três Marias, nome popular para Mintaka, Alnilan e Alnitak.

Figura 3 - Constelação de Órion



Fonte: Autor 2019

Figura 4 - Homem Velho



Fonte: Autor 2019

Como já citado a orientação foi a razão que levou o homem a olhar para o céu, cerca de 10 mil anos atrás o homem parou de ser nômade. A necessidade de saber quando plantar ou sair para caçar e saber a localização do seu lar era muito importante, de maneira que o mapeamento do céu era uma coisa extremamente necessária.

Desta forma nasceram as constelações, agrupar estrelas já conhecidas em representações de coisas do seu cotidiano era um jeito de tornar mais fácil o reconhecimento do céu. Percebemos a importância das constelações, quando entendemos que o surgimento delas está ligado à fenômenos da natureza ou eventos sociais.

Cada povo vê nos céus figuras relacionadas a sua cultura, tomemos como exemplo, os pastores estes viram no céus, constelações como o cordeiro ou capricórnio, assim como um índio no Brasil olhou para a mancha esbranquiçada que contempla as noites como o caminho da anta, e neste caminho viu a incansável briga da anta com a onça do pôr-do-sol até os primeiros raios da manhã, mito presente na cultura Tupy-Guarani.

Nosso trabalho escolheu entender como os Kaingang contemplavam o céu e os significados que deram ao que estava acontecendo sobre suas cabeças. Daremos um olhar cuidadoso para esse povo que viveu no Sudoeste do Brasil, encontrando-se no Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Santa Catarina.

Os Kaingang criaram uma visão de mundo que está extremamente ligada ao seu local, um exemplo é o ritual Kiki que é feito no inverno e se dá pela abundância de pinhão, o frio do inverno é típico do sul do País, aqui o território se mostra muito relevante na cultura do povo.

Eles estão ligados intimamente com o que ocorre na natureza, sendo na mata ou nos céus. Tudo que acontece ao seu redor está ligado com os mitos e cultura do seu povo, uma prova da forte ligação deles com o seu redor é a maneira com que eles entendem a sua saúde e bem-estar, o povo está ligado ao seu local assim como o local vai moldar sua cultura.

“Na questão da saúde, os Kaingang têm uma visão interligada entre os diversos seres e elementos do universo! Não é linear ou fracionada, separando, por exemplo, o ritmo ou tempo como a sociedade nacional; a pessoa, da árvore ou dos animais; ou, ainda, localizando e tratando a doença somente a partir de uma parte do corpo, num espaço físico ou numa secretaria. O bem-estar, a saúde e a alegria estão presentes, quando os seres do universo estão bem. O bem-estar, a alegria e a saúde dos Kaingang está ligada, diretamente, com a saúde e a vida das abelhas, dos pássaros e da importante diversidade do capim. Estes seres estão todos interligados.”
(ENTREVISTA H, 2011, p. 2)

Quando estudamos a cultura Kaingang percebemos uma falta de materiais escritos sobre suas constelações, isso se dá por ser uma cultura oral, estas que sofrem com o apagamento, sendo que o seu conhecimento é passado de geração para geração, muitas vezes sem serem de fato escritas, sofrendo assim mutações, unindo-se a outras culturas ou até mesmo ao seu desaparecimento.

Há poucos estudos sobre os mitos Kaingangs, sendo esse um grande problema da etnoastronomia Brasileira, o primeiro registro de um mito foi em 1882, feito por Telêmaco Borba, o mito da origem e o mito da origem do milho. Estudamos esses mitos e selecionamos os que estavam ligados às coisas do céu, discutiremos mais sobre eles na próxima sessão.

Quadro 1 - Artigos e Livros estudados.

Artigo	Autores	Assunto
Ambiente e Cultura Kaingang: Saúde e Educação na Pauta das Lutas e Conquistas dos Kaingang de uma Terra Indígena	Luís Fernando da Silva Laroque e Juciane Beatriz Sehn da Silva	Cultura Kaingang
Etnoastronomia no Brasil: a contribuição de Charles Frederick Hartt e José Vieira Couto de Magalhães	Flavia Pedroza Lima Silvia e Fernanda de Mendonça Figueirôa	Etnoastronomia
As Constelações Indígenas Brasileiras	Germano Bruno Afonso	Etnoastronomia
O Universo das Sociedades numa Perspectiva Relativa: Exercícios de Etnoastronomia	Érika Akel Fares, Karla Pessoa Martins, Lidiane Maciel Araujo e Michel Sauma Filho	Etnoastronomia
Astronomia, arte e mitologia no ensino fundamental em escola da rede estadual em Itaocara/RJ	Adriana Oliveira Bernardes e Arleidimar Ramos dos Santos	Etnoastronomia em escolas
As diferentes culturas na educação em astronomia e seus significados em sala de aula	Vicente Pereira de Barrose e Daniel Fernando Bovolenta Ovigli	Etnoastronomia em escolas

Astronomia cultural nos ensinos fundamental e médio	Luiz Carlos Jafelice	Etnoastronomia em escolas
“As coisas do Céu”: Etnoastronomia de uma comunidade indígena como subsídio para a proposta de um material paradidático	Caroline da Silva Garcia, Samuel Costa, Suzy Pascolai e Mateus Zanette Campos	Etnoastronomia
Erastóstenes: Um exemplo de trabalho com estudantes universitários em didática e história da astronomia	Nicoletta Lanciano e Mariangela Berardo	História da astronomia
A teoria da abstração reflexionante e a história da astronomia	Roberta Chiesa Bartelmebs, João Batista Siqueira Harres e João Alberto da Silva	História da astronomia
O planetário como ambiente não formal para o ensino sobre o sistema solar	Gabrielle de Oliveira Almeida, Mateus Henrique Rufini Zanitti, Cintia Luana de Carvalho, Edson Wander Dias, Alessandro Damasio Trani Gomes e Fernando Otávio Coelho	Planetário
O Céu dos índios do Brasil	Germano Bruno Afonso	Etnoastronomia
Aldeia Ekeruá: Astronomia indígena no Brasil	Marisa Serrano Ortiz	Etnoastronomia
História da Astronomia no Brasil	Oscar T. Matsuura (Org.)	História da astronomia

Tecendo Relações Além da Aldeia: Artesãos Indígenas em Cidades da Região Sul	José Manuel P. P. Ballivián (Org.) et al	Cultura Kaingang
Novas Contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang	Kimiye Tommasino	Cultura Kaingang
Abelhas Nativas Sem Ferrão	José Manuel P. P. Ballivián (Org.) et al	

Fonte: Autor (2019)

2.5 Artigos relevantes

O presente trabalho tem como tema o ensino de astronomia de maneira não formal, vamos passar os conhecimentos do céu usando a etnoastronomia e o local onde vamos fazer isso é no Planetário da Universidade Federal do Pampa. Tendo isso em mente, procuramos uma boa base de artigos e livros a qual nos deu um norte para escrever o projeto, agora vamos falar brevemente sobre como escolhemos o planetário para ser nosso local de pesquisa.

O planetário como ambiente não formal para o ensino sobre o Sistema Solar é um artigo que guiou essa parte da pesquisa, escrito por Gabrielle de Oliveira Almeida, et al. Traz a ideia de locais de ensino de ciência não formal. Ele reconhece que existem dificuldades no ensino de astronomia na Educação Básica nacional, de maneira que recorrer a espaços que tenham uma abordagem interessante, com abordagens diversificadas pode ser a alternativa para suprir essa carência de conhecimento científico.

“Jacobucci (2008) afirma que um espaço não formal de ensino pode ser qualquer local onde exista uma ação educativa intencional. Dessa forma, a autora reconhece que qualquer local pode ser considerado como um espaço não formal para o ensino. Ao mesmo tempo, segundo ela, há uma espécie de consenso de que um espaço não formal é aquele em que são utilizados exclusivamente recursos didáticos atrativos, seja do ponto de vista visual ou do ponto de vista da maior interação entre o estudante com as ferramentas usadas no espaço, uma vez que as limitações de tempo e de experimentação são menores que nos espaços formais.” (Almeida, 2019, p.70, apud Jacobucci, 2008)

Ele divide os locais não formais para ensino em duas partes, um lugar com equipamentos que estão disposto de maneira a passar conhecimento de maneira

intencional, por exemplo um museu, e outro e outros lugares que não foram desenvolvidos para serem o tal, como as praças. O planetário se encaixa na primeira parte, pois nele as atividades que ocorrem são organizadas de maneira a despertar a curiosidade e ensinar. Um exemplo é a sala de exposição do Planetário da Universidade Federal do Pampa, não há demonstrações que estão lá com o objetivo de passar conhecimento e lazer aos seus visitantes.

A partir da leitura deste artigo foi escolhido que o planetário seria o local onde o presente trabalho será aplicado, levaremos uma abordagem de ensino de astronomia, em forma de sessão à qual tem uma abordagem de etnoastronomia. O artigo que foi escolhido mais relevante quanto à etnoastronomia foi “As coisas do céu”: Etnoastronomia de uma comunidade indígena como subsídio para a proposta de um material paradidático, escrito por Caroline da Silva Garcia, et al. A primeira frase do artigo é uma citação, que nos dá ideia de o quanto o Céu está ligado a terra. “[...] tudo que existe no céu existe também na Terra, que nada mais é do que uma cópia imperfeita do céu” (AFONSO, 2006).

Nele podemos entender que os primeiros astrônomos do Brasil foram os índios, fizeram isso pela sua sobrevivência, construíram um conhecimento do céu rico em informações. Vemos aqui que a parte da astronomia que estuda como os povos que não são da cultura ocidental olharam para o céu, de maneira que essa área pode ser chamada também de astronomia cultural.

Estes dois artigos nortearam as pesquisas do presente trabalho, a partir dele foi possível organizar uma estrutura mental para a escolhas de mais materiais da pesquisa, estes materiais que se encontram na sessão acima.

3 METODOLOGIA

Nesta seção será apresentada a metodologia escolhida para a construção da sessão, tendo criado uma fundamentação teórica é preciso organizar as ideias de maneira a passar o que o trabalho quer apresentar, assim como atingir o público alvo deste projeto. Agora discutiremos como será feita esta organização.

3.1 Organização dos objetivos

Um dos objetivos deste trabalho é a construção de uma sessão para o Planetário da Universidade Federal do Pampa, a sessão será voltada para a cultura Kaingang. Pra isso foi necessário seguir um método de pesquisa, de maneira a encontrar relatos que estivessem ligado às coisas que aconteciam no céu.

Sendo assim foram selecionados artigos científicos que tratassem do tema, assim como uma procura aprofundada em livros sobre a cultura Kaingang. Nesta pesquisa foi encontrado um problema muito relevante, a falta de constelações relatadas, embora existissem artigos os quais teriam esta temática, foi percebido ao ter uma leitura cuidadosa que as constelações apresentadas era dos povos Tupy-Guaranis, o que é esperado, já que ambos os povos habitam o mesmo local e nos dias presentes partilham das mesmas reservas e como já citado a cima uma cultura oral acaba sofrendo mutações com o passar dos anos, devido ao convívio do povo com novas culturas. Desta maneira foi encontrado um novo objetivo de pesquisa. Quais constelações os Kaingangs veem ao lançarem seu olhar para o céu?

Tendo em mente que não há artigos ou livros nesta área a metodologia de pesquisa será então baseada na conversa com índios Kaingangs que vai ocorrer no segundo semestre do ano de 2019, esperamos assim poder encontrar relatos de suas constelações para que essas possam fazer parte da sessão.

Foi entendido que a melhor maneira de abordar a etnoastronomia Kaingang era pelo estudo dos mitos. Desta forma o primeiro semestre do ano de 2019, foi voltado para a leitura e pesquisa dos mitos que pudessem fazer parte da sessão.

3.2 Seleção dos mitos

Na seleção dos mitos, foi muito importante saber qual direção iria ser tomada. Como o objetivo é a construção de uma sessão foi feito um filtro para mitos os quais apresentassem fenômenos observados no céu. Fazendo a leitura de artigos e livros

os quais tem a temática da cultura Kaingang foi feito um recorte dos mitos que se encaixariam neste presente trabalho.

Podemos encontrar fragmentos de astronomia desde o mito da criação dos Kaingangs fragmentos relacionamos a astronomia. Este conta que houve há muito tempo atrás uma grande inundação, a qual cobriu toda a terra, quem os salvou de morrer foram as saracuras, estas que vieram do lado leste, onde o sol nasce, jogando cestos de terra nas águas até criar uma planície, e por essa razão os rios correm para o oeste.

A organização social dos Kaingangs também está relacionada a astronomia, tendo em vista que eles são divididos em dois grupos. Os Kamé e kajrukré, Kamé é ligado ao oeste, a força, ao seco, quente e o sol, os Kajrukré ligado ao leste, úmido, a rapidez, por serem menos corpulentos que os Kamés, são ligados a lua. Até mesmo a criação dos animais é ligada à lua e ao sol, sendo que a lua criou os animais úteis como as abelhas e o sol criou os animais a se combater, como a onça.

Quando citado acima que era de suma importância a observação do céu para a sociedade indígena, podemos ter como exemplo o ritual Kiki que acontece em meados do outono, inverno. É preciso saber quando estas estações estão se aproximando, para a organização desta festa tão importante que celebra a face mais rica em alimentos desta tribo.

O dia e a noite também são explicados com uma visão astronômica do céu, para eles existiam dois sóis e o seu povo viviam fome, pois nada crescia devido ao extremo calor e seca. Os sóis, que eram irmãos, brigaram, um dando um sono no outro, que perdeu luminosidade e acabou virando a lua, até os presentes dias é possível observar ao olhar a lua onde seu irmão lhe deu o soco, sendo essa a maior cratera que é possível se observar da terra.

Temos dois mitos nos quais é possível observar a contagem de tempo pela lua, um deles é o mito das danças o qual conta que as festas da tribo eram muito monótonas, até que o tamanduá veio até eles e começou a dança, os ensinando dessa maneira as danças, com alegria eles dançaram durante luas.

Outro mito é o mito de Nhara o qual nos fala de um velho índio que ao ver seu povo passar fome pediu para que sua família o matasse e o enterrasse em uma terra arada e depois de três luas voltassem para ver o que havia acontecido, voltando eles encontraram muitos alimentos nascendo. Estes mitos também podem nos mostrar as fases da lua.

Há também um mito no qual nos fala sobre a linguagem do sol, o que apresenta seu humor conforme o dia estar nublado, com o sol muito forte ou mais ameno.

Estes são alguns dos mitos foram selecionados para comporem a sessão, os organizando de maneira a criar uma sessão que pudesse atingir o público que vai ao planetário que é composto em suma maioria por crianças. Foi pensado em fazer duas seções as quais levassem os dois mitos que tratam das fases da lua, o das danças para ser apresentado para as crianças e o mito de Nhara para os adultos, mas isso será discutido no decorrer do segundo semestre de 2019.

3.3 Organização da sessão

Os mitos que foram selecionados irão fazer parte da sessão, para isso foi organizado um roteiro o qual contém a sequência que os mitos serão apresentados, assim como as falas e as imagens que serão projetadas no domo.

A falta de conhecimento das constelações fez com que seguissemos na pesquisa para no segundo semestre de 2019 pudéssemos incluir um reconhecimento do céu a partir da visão Kaingang, é possível que isso mude, caso tenhamos resultados negativos nesta procura. O roteiro da sessão segue nos apêndices.

4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A disciplina de trabalho de conclusão de curso da a oportunidade de pensarmos sobre um projeto de pesquisa relacionado ao ensino. Discutiremos na presente sessão a pesquisa que este trabalho propõe para o segundo semestre do ano de 2019.

4.1 A importância do estudo de etnoastronomia no Brasil

O Brasil tem um imenso território, ao todo são 8.516.000 km² de terras, estas terras habitadas por povos que construíram sua cultura e história a partir de anos e anos de observação. Temos inúmeras etnias no nosso País, devido ao nosso grande território, um leque de culturas distintas e semelhantes entre si.

Cada cultura se constrói com os fatores do local, um simples exemplo do cotidiano é pensar no Brasil dos presentes dias, no Sul temos povos com culturas e vestimentas diferentes das culturas, por exemplo, do Nordeste, onde se encontram outros costumes e tradições. Quando falamos de etnoastronomia, não poderia ser diferente. Veja, um índio que mora no litoral aprende em que luas se pode pescar quais peixes no mar. Já um índio que está mais para dentro do continente aprende a pescar em águas doces outras variedades de peixes. Outro exemplo de o quanto o local é importante para a formação da cultura, e desta maneira moldando a forma que olhamos para o céu, é o aglomerado de estrelas que se encontra próximo a constelação de Touro, conhecido como Plêiades. Os índios Tembés, no nascer helíaco deste aglomerado de sete estrelas vistas a olho nu, anuncia a temporada de chuvas, estes povos habitavam o norte do Brasil, já para parte dos Guaranis, os habitavam o Sul do Brasil, o mesmo fenômeno observado os diz que o inverno está chegando. Ao olharem para o mesmo acontecimento astronômico deram significados diferentes devido ao local.

Esses conhecimentos foram organizados no passar dos anos e por mitos ou conversas com pessoas mais velhas, foram se disseminando entre as gerações. São ricos em informações, e não podem ser deixados de lado de maneira os conhecimentos da ciência duras, aceitas pela comunidade científica.

[...] todas as formas de classificação que o homem escolheu para dar ordem e nome aquilo que ele vê em torno a si são substancialmente equivalentes, são todas substancialmente científicas, se mais não fosse que pelo sentido obvio através do qual o substantivo scientia deriva de scio, 'sei', e portanto toda organização do nosso conhecimento e uma scientia; cada uma

responde a uma fundamental exigência do homem, aquela de reencontrar-se, medir-se, conhecer-se, dar-se ordem medindo, conhecendo, ordenando tudo o que se encontra em torno, semelhante ou não a ele.(Cardona, 1985:10).

No Brasil como já citado há muito pouca pesquisa no âmbito da etnoastronomia, desta maneira perdemos parte da nossa própria cultura para o esquecimento. Por esta razão o presente trabalho foi voltado para a parte da astronomia que estuda como os povos olhavam para o céu. Pela mesma razão foi escolhido trabalhar com os Kaingangs, pois ao pesquisar sobre a etnoastronomia deste povo foram encontrados poucos trabalhos.

Estas tribos habitam o sul do Brasil, de maneira que ao estudarmos a cultura deles, estamos estudando também a nossa cultura, é um dever cívico não deixar a própria cultura cair no esquecimento

4.2 Sessão de etnoastronomia

A pesquisa do presente trabalho teve o foco na etnoastronomia Kaingang. Foi escolhido realizar a pesquisa dos mitos desta cultura, pois entendemos que os mitos estão ricos em informações sobre como esses povos veem o céu, procuramos também.

Desta maneira escolhemos os mitos os quais estavam relacionados às coisas do céu e organizamos um roteiro para a produção de uma sessão para o Planetário da Universidade Federal do Pampa.

O trabalho da seleção de mitos e criação do roteiro foi realizado no primeiro semestre de 2019. Na segunda parte de 2019 procuraremos pesquisar sobre as constelações Kaingang, caso conseguirmos encontrar relatos vamos usá-las na sessão.

Será produzido uma sessão com o intuito de passar os conhecimentos adquirido para o público do planetário que em suma parte é composto por alunos das escolas da cidade de Bagé, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

É importante relevar que como o presente trabalho será concluído no final do segundo semestre do presente ano, o mesmo está sujeito a mudanças, caso no decorrer da pesquisa se encontre necessidade.

5 CRONOGRAMA

Quadro 2 - Cronograma de atividades realizadas e futuras

Atividade	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Escolha do projeto de pesquisa	x									
Seleção de artigos e livros na área	x	x								
Leitura do material encontrado		x	x	x	x	x				
Seleção dos mitos			x	x						
Organização do roteiro sessão			x	x	x	x	x	x		
Escrita da primeira parte do projeto		x	x	x						
Defesa da primeira parte do projeto					x					
Produção da sessão						x	x	x	x	
Escrita da segunda						x	x	x	x	

parte do TCC										
Pesquisa sobre as constelações dos Kaingangs						x	x			
Conversa com os índios							x			
Aplicação da sessão								x	x	
Análise dos resultados									x	
Defesa final do TCC										x

Fonte: Autor 2019.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o presente trabalho será concluído apenas no segundo semestre de 2019 apresentaremos as futuras considerações finais no Trabalho de conclusão de Curso dois.

REFERÊNCIAS

LAROQUE, Luís Fernando da Silva; SILVA, Juciane Beatriz Sehn da. Ambiente e cultura Kaingang: saúde e educação na pauta das lutas e conquistas dos Kaingang de uma terra indígena. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 29, n. 2, p. 253-275, June 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000200011&lng=en&nrm=iso>. access on 22 June 2019.

LIMA, Flavia Pedroza; FIGUEIROA, Silvia Fernanda de Mendonça. Etnoastronomia no Brasil: a contribuição de Charles Frederick Hartt e José Vieira Couto de Magalhães. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.**, Belém , v. 5, n. 2, p. 295-314, Aug. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222010000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 22 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222010000200007>

AFONSO, Germano Bruno. As constelações indígenas brasileiras. **TELESCÓPIOS na escola**, 2013.

FARES, Érika Akel et al. O universo das sociedades numa perspectiva relativa: exercícios de etnoastronomia. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, n. 1, p. 77-85, 2004

BERNARDES, Adriana Oliveira; DOS SANTOS, Arleidimar Ramos. Astronomia, Arte e Mitologia no ensino fundamental em escola da rede estadual em Itaocara/RJ. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, n. 6, p. 33-53, 2008.

DE BARROS, Vicente Pereira; OVIGLI, Daniel Fernando Bovolenta. AS DIFERENTES CULTURAS NA EDUCAÇÃO EM ASTRONOMIA E SEUS SIGNIFICADOS EM SALA DE AULA. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, n. 18, p. 103-118, 2014.

JAFELICE, Luiz Carlos. Astronomia cultural nos ensinos fundamental e médio. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, n. 19, p. 57-92, 2015.

DA SILVA GARCIA, Caroline et al. “AS COISAS DO CÉU”: ETNOASTRONOMIA DE UMA COMUNIDADE INDÍGENA COMO SUBSÍDIO PARA A PROPOSTA DE UM MATERIAL PARADIDÁTICO. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, n. 21, p. 7-30, 2016.

LANCIANO, Nicoletta; BERARDO, Mariangela. ERATÓSTENES: UM EXEMPLO DE TRABALHO COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM DIDÁTICA E HISTÓRIA DA ASTRONOMIA. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, n. 22, p. 7-19, 2016.

BARTELMÉBS, Roberta Chiesa; HARRES, João Batista Siqueira; DA SILVA, João Alberto. A teoria da abstração reflexionante e a história da astronomia. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, n. 18, p. 73-88, 2014

DE OLIVEIRA ALMEIDA, Gabrielle et al. O PLANETÁRIO COMO AMBIENTE NÃO FORMAL PARA O ENSINO SOBRE O SISTEMA SOLAR. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, n. 23, p. 67-86, 2017.

AFONSO, Germano Bruno. O CÉU DOS ÍNDIOS DO BRASIL Germano Bruno Afonso (Musa-UNINTER) planetarioindigena@ hotmail. com.

BRASIL, Marisa Serrano Ortiz-NASE. ALDEIA EKERUÁ: ASTRONOMIA INDÍGENA NO BRASIL.

LIMA, Flavia Pedroza et al. Relações céu-terra entre os indígenas no Brasil: distintos céus, diferentes olhares. 2014 VVCF.

BALLIVIÁN, José Manuel Palazuelo (org.). **Tecendo Relações Além da Adeia: Artesãos Indigenas em Cidades da Região Sul.**

TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio Tadel; Noelli, Francisco Silva (org.). **Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang.**

BALLIVIÁN, José Manuel Palazuelo (org.). **Abelhas Nativas Sem Ferrão.**

APÊNDICES

APÊNDICE 1- Roteiro da sessão

Sessão do planetário:

1º fala:

Os Kaingangs são um povo indígena do Brasil. Sua língua, a língua caingangue, pertence à família linguística Jê. Sua cultura desenvolveu-se à sombra dos pinheirais. Destaca-se que o território Kaingang era “repartido” e “dividido” entre as “tribos” a partir dos “pinheirais”.

Cada grupo dentro de uma sociedade Kaingang, coordenado por uma liderança subordinada ao cacique principal, tinha sua territorialidade definida pela “marcação dos pinheiros”, assim, a casca de um pinheiro era cortada com um “machado de pedra” ao longo da árvore verticalmente. As marcas eram variadas e podiam ser inclusive coloridas na cor vermelha. O pinhão, dos respectivos pinheirais, sustentava os grupos e deviam ser respeitados. O território do pinheiral, compreendido entre duas marcas, pertence, exclusivamente, à tribo que nele habita por ordem do cacique principal nesse território é que todos os indivíduos daquela tribo apanham o pinhão para o seu sustento.

1º imagem:

Um vídeo de pinheiros passando, por entre as árvores.

2º fala:

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada pelos seus antepassados. Só o cume da serra Crinjjimbé (Serra do Mar) emergia das águas. Os Kaingangs, Cayurucrés, Camés e Curutuns nadavam em direção a ela, levando na boca tochas de lenhas incendiadas.

2º imagem:

Quando eu falo os nomes Kaingangs, Cayurucrés, Camés e Curutuns gostaria que aparecesse imagem de índios como na sessão um pequeno passo, como é uma inundação imaginei o barulho de água, como o mar e assim como o vídeo de um mar revolto, quando fala das tochas pensei no efeito sonoro do fogo.

3º fala:

Os Cayurucrés e Cames, cansados acabaram se afogando e suas almas foram morar no centro da serra. Os Kaingangs e alguns poucos Curutuns alcançaram a custo o cume de Crinjijimbé, onde ficaram, uns no solo e outros, segurados em galhos de árvores, por muitos dias ficaram lá, sem comida esperavam pela morte.

3º imagem:

Quando os Cayurucrés e Cames morrem, a imagem deles some da tela.

4º fala:

Quando a esperança estava quase perdida escutaram o canto das saracuras que vinham carregando terra em seus cestos, lançavam a terra nas águas de maneira que estas foram baixando lentamente. As saracuras vieram com seus cestos de onde o sol nasce e por isso nossos rios correm para o poente.

4º imagem:

Como as saracuras vieram do sol nascente, poderia tocar a imagem para o sol nascendo com os pontos cardeais bem demarcados, e o feito sonoro dos cantos das saracuras. Quando fala que os rios correm por essa razão para o sol poente,

gostaria que o sol passasse no céu de maneira que aparecesse o pôr do sol do outro lado.

5° fala:

Os Kaingangs com fome clamavam que elas se apressassem. Estas então redobram suas vozes e pediram aos patos que as ajudassem.

Em pouco tempo conseguiram formar uma planície espaçosa no monte, que dava bastante campo aos Kaingangs, com exceção dos que se refugiaram nas árvores. Estes foram transformados em macacos e os Curutuns em bugios.

5° imagem:

Como o sol estava se pondo penso aqui no entardecer e no céu da noite pois o próximo conto será sobre a base social deles, quando falo dos macacos, patos e Bugios pensei no efeito sonoro deles. Assim como aparecer a imagem desses animais na projeção, como apareceria a da saracura. Talvez desenho deles, como na sessão um pequeno passo.

6° fala:

A base social:

Os Kaingangs se separam em duas metades:

Kamé e kajrukré, Kamé é ligado ao oeste, ao sol, ao quente, seco e forte e Kajrukré, ligado ao leste, á lua ao frio, úmido e fraco.

6° imagem:

Quando fala sobre os Kamé, aparecer o sol e quando fala sobre os Kajrukré aparecem a lua no céu, acho legal o efeito da lua sendo aproximada, então pensei em colocar a lua sendo aproximada quando falo isso e uma canção deles tocando, isso só para dar um efeito visual bonito.

7° fala:

O mito conta que ambos criaram os animais da cinza e do barro. Kamé fez as criaturas para combater: pumas, serpentes... Kajrukré fez os animais, uteis, como as abelhas, estas que tem grande importância para os Kaingangs, pois com o mel eles fazem uma bebida chamada Kiki, a qual era utilizada em um ritual que leva o mesmo nome, está festa acontece em meados do outono próximos do inverno e o sol se encontra mais ao norte do céu, quando tem abundância dos alimentos, isso é, quando se começa a colher o milho e quando os pinheiros dão o pinhão que é a base de sua alimentação.

7º imagem:

Quando fala dos pumas, serpentes e abelhas aparecer esses animais no céu, quando fala sobre o ritual acontecer no outono/inverno mostrar onde o céu está se localizando no céu nessas estações, a questão aqui é que seria bom entender bem quando ocorre esse ritual, para poder ressaltar bem o céu da noite, aproveitando isso, podemos mostrar por exemplo as constelações do inverno, como por exemplo que as três marias não estão no céu, mas que agora escorpião se apresenta na noite, porém não sei se isso não seria ruim por misturar culturas e pode confundir.

8º fala:

O mito da lua:

Houve um tempo em que os rios estavam secando, os animais morrendo, o mato e as pessoas adoecendo. As árvores não davam mais frutas e não existia lugar em toda a terra onde se pudesse ficar. Os dois irmãos sóis, Rã e Kysã, imensos astros que irradiavam calor, presenciavam tudo. Na verdade, eles eram os responsáveis pelo que estava acontecendo. Até que um dia, tiveram uma discussão.

- Essas desgraças, isso tudo é sua culpa! – disse Rã.

- Não, é tudo sua culpa, foi você quem... – dizia Kysã, quando levou uma pancada no seu olho.

8° imagem:

Aqui pensei em dar aquele efeito de quando aproxima o sol e fica tudo muito claro, que quase dói o olho, pra dar o efeito de muito calor e luminosidade, só não sei como colocar os dois sóis na projeção ou se sem como, ou talvez só deixar tudo bem claro e colocar a imagem de dois sóis. No momento da bancada pensei em deixar tudo escuro, meio que simplesmente apagar a luz, tipo um blackout e aos poucos as estrelas irem aparecendo.

9° fala:

Ferido Kysã enfraqueceu e tornou-se lua, originando-se, desse modo, à noite iluminada pela lua. Rã, o mais forte dos irmãos, a partir daquele dia, tornou-se o único a iluminar o dia, dando-nos luminosidade e calor suficientes para a vida. À noite, desde então, temos a lua (kysã), que nos dá a escuridão necessária para o repouso, e, durante o dia, o sol (Rã), que ilumina nossos dias e florestas.

Até hoje, assim que o sol se põe, a lua nasce. Desse modo, os dois nunca se encontram para não brigarem novamente. O local do olho furado seria uma das grandes crateras vista a olho nu.

9° imagem:

Quando fala sobre o Kysã se tornar a lua a lua podia começar a nascer nessa noite estrelada que estaria no céu, se der dar um zoom, mas nada muito aproximado, apenas para perceberem as crateras da lua.

10° fala:

O sol é muito importante para os Kaingangs, a orientação de suas casas é associada ao percurso do sol, sendo essa orientada a partir do eixo leste-oeste e norte-sul. Em cada extremidade desse domínio existe uma porta: uma situada a leste, espaço associado às atividades masculinas e às visitas; outra situada a oeste, correspondente às atividades femininas.

10° imagem:

Mostrar uma casa, bem no centro, mostrar também uma linha do leste para o oeste, no caminho do sol, fazendo sol se deslocar nessa linha, quando fala que os homens ficam ao leste mostrar imagem de índios nesse lado e quando fala que as mulheres estão ligadas ao oeste mostrar imagem de índias no lado oeste.

Agora vem um grande problema, temos dois mitos que falam sobre as fazes da lua, fica a dúvida, mostro os dois ou escolho um deles?

Mito das línguas:

Desde o início da humanidade, os Kaingangs interpretam o mundo de línguas ao seu redor. Pensando nisso, um dia, no centro de sua tribo, um velho índio falou a todos com muita calma.

- Nós achamos que somos inteligentes, mas os animais são mais inteligentes, os pássaros, por exemplo, sabem muitas línguas que o ser humano nem sequer conhece. – disse, enquanto olhava o horizonte.

- E qual é o animal mais sábio em línguas? – questionou um dos aprendizes, muito interessado. Após pensar um pouco, o velho índio respondeu.

- O que mais sabe línguas é o tigre. – disse – Nós, os Kaingangs, aprendemos a interpretar as línguas com os animais, a palavra Kaingangs, que dá nome ao nosso povo, por exemplo, vem da língua de um pássaro. Há muito tempo, índios andavam pela floresta, quando, de repente, notaram um pássaro que repetia aos gritos a palavra “kaingang” em sua direção. A partir de então, os índios que o ouviram cantando, acreditaram que este era seu nome.

Por isso, os índios Kaingang interpretam muitas coisas que os pássaros fazem. Mas não são só os pássaros que são sábios, cada vida tem seu poder na visão dos índios. As aves sabem do futuro, elas sabem tudo que vai acontecer; o tigre é o sábio das línguas, apesar de cada ser na terra ter sua própria língua.

- E o sol, tem língua? – questionou um menininho que estava sentado bem na frente.

- Às vezes, o sol está fraco, triste, cansado, outras vezes, brilhoso, gostoso... sabem o que isso quer dizer? O sol está dizendo que ele está brabo, já que está queimando, mas as pessoas não o interpretam bem. Então o sol fica nublado e a humanidade triste – respondeu o índio. – Sim, o sol tem língua, mas nem sempre é compreendido.

Esse eu acho importante mostrar, mas não sei como representar com imagens.

Os próximos dois contos são sobre a lua:

NHARA:

Meus antepassados alimentavam-se de frutos e mel. Quando estes faltavam, sofriam fome. Um velho de cabelos brancos, de nome Nhara, ficou com dó deles. Um dia disse a seus filhos e genros que, com porretes, fizessem uma roçada nos taquarais e a queimassem.

Feito isso, disse aos filhos que o conduzissem ao meio da roçada. Ali conduzido, sentou-se e disse aos filhos e genros: – Tragam cipós grossos. E tendo esses os trazidos, disse o velho: – Agora vocês amarrem os cipós ao meu pescoço, arrastem-me pela roça em todas as direções. Quando eu estiver morto, enterrem-me no centro dela e vão para os matos pelo espaço de três luas. Quando vocês voltarem, passado esse tempo, acharão a roça coberta de frutos que, plantados todos os anos, livrarão vocês da fome.

Eles principiaram a chorar, dizendo que tal não fariam; mas, o velho lhes disse: – O que ordeno é para o bem de vocês, se não fizerem o que eu mando, viverão sofrendo e muitos morrerão de fome. E, de mais, eu já estou velho e cansado de viver. Então, com muito choro e grita, fizeram o que o velho mandou e foram para o mato comer frutas. Passadas as três luas, voltaram e encontraram a roça coberta de uma planta com espigas, milho, feijão grande e morangas.

Quando a roça esteve madura, chamaram todos os parentes e repartiram com

eles as sementes. É por essa razão que temos o costume de plantar nossas roças e irmos comer frutas e caçar por três ou quatro luas. O milho é nosso, aqui da nossa terra, não foram os brancos que trouxeram da terra deles. Demos ao milho o nome de Nhara em lembrança do velho que tinha este nome, e que, com seu sacrifício, o Produziu.

Mito das danças:

Antigamente, diz o mito, eram monótonas as festas dos Kaingáng, pois estes não sabiam cantar nem dançar. [...] Só depois de algumas luas Kayuruké descobriu que o seu mestre era o tamanduá-mirim; quis matá-lo, quando o animal, pondo-se de pé, começou a cantar as modas que eles haviam aprendido. Esse aqui eu vou procurar mais, tem em um dos livros que eu tenho aqui em casa a história completa